

Balão

Foi um verdadeiro assédio. A semana inteira perseguido por um balão. Mas que balão poderia ser esse que, insistentemente, pedia para ser projetado na página gêmea do meu blog no live writer?

Desde então eu lhes digo. Não foi por falta de vontade, mas, até agora, não pude satisfazer ao imperioso desejo de um inconsciente ranzinza e teimoso como o que carrego comigo. Cheguei a pesquisar na Wikipédia e, devido às idiossincrasias da minha conexão provinciana, o máximo que consegui foi: “Balão é um objeto inventado pelo homem”. Apesar desta “esclarecedora” sentença e de mais algumas palavras no topo da página que continuava carregando (até quando, só Deus sabe), não desanimei. Aliás, como podemos tirar proveito até das coisas negativas, essa espera pelo carregamento da página serviu para uma tomada de decisão importante.

Agora sei: não era um balão de ar quente, tampouco um balão de oxigênio, nem um balão de festas, muito menos um balão mágico. O que me acoitava e me interrogava como torturador no auge da sua crueldade era nada mais, nada menos que a própria palavra balão cuja etimologia fico lhes devendo por falta de um dicionário apropriado.

É pela palavra e suas incontáveis camadas de sedimentos discursivos que a separa da sua origem - provavelmente forjada nos primórdios da latinidade – que me entrego de corpo e alma a este labor literário.

Balão é algo cheio, abarrotado, gorducho. Balão é uma palavra gorda e, muitas vezes, morbidamente obesa. Seja como for há um balão de palavras onde, aparentemente não havia nada. Há riqueza na alegoria balonesca:

Bola, bolo, balão.

Brinquedo solto no chão!

Bolo, balão, bola.

Vê se te enxerga e não me amola!

Balão, bola, bolo.

Peguei no rabo do cachorro!

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/balao>